

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 257
26 de julho de 2014

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos.

Hoje, conforme eu prometi, vou dar explicações suplementares sobre algumas notinhas que eu coloquei no Facebook — eu o uso freqüentemente como rascunho ou livro de lembretes: o que é bom, porque quando o pessoal chega aqui para a aula todos já têm mais ou menos uma idéia do assunto que será dado, o que é altamente recomendado pelos educadores, isto é, que os alunos tentem antecipar o que vai ser dito. Nem sempre é possível, evidentemente, já que às vezes estou com um assunto inédito e eles não tem como adivinhar. Mas, se é um assunto já enunciado e você tentar antecipar o que vai ser dito já cria para você um quadro de expectativas que ajudam você a entender, pelo menos por contraste, aquilo que está sendo explicado.

Essas notas foram colocadas ali em total desordem apenas como lembrete; vou tentar aqui articular uma coisa com a outra. Os temas de que essas notas tratam são absolutamente centrais no estudo da filosofia e que, hoje em dia, tornam-se ainda mais necessários e urgentes de serem estudados por causa da imensidão das confusões que vem sendo espalhadas a respeito desse tema no mundo, sobretudo por especulações pseudofilosóficas feitas em cima de descobertas científicas. Ai, como sempre, é necessário distinguir, como disse o Wolfgang Smith, o que é descoberta científica e o que é mitologia científica. São duas coisas que vêm tão misturadas, que nós engolimos umas junto com as outras.

Essas confusões chegaram a tal ponto que se impregnaram, por exemplo, profundamente na língua inglesa. Em inglês, quando dizemos “percepção”, queremos dizer apenas aquilo que se passa apenas dentro da mente do sujeito observador. Que dizer: A percepção é um fenômeno interno e eles distinguem percepção de realidade, por exemplo: “Tal coisa não é um fato é apenas uma percepção”.

Isso mostra até que ponto pôde ir, por assim dizer, a deterioração da discussão sobre este assunto. Já que percepção, pela sua origem latina, esse *per* quer dizer em volta e o final *cepção* vem do verbo *cepi* ou *cipere* que quer dizer agarrar, agarrar alguma coisa em volta na sua totalidade. Se não há, evidentemente, esta captação, apreensão, preensão, de algo não houve percepção, ouve apenas um conjunto de sensações. O uso que se consolidou daquela palavra em inglês borra e apaga essa distinção entre o que é a sensação ou um conjunto delas como fenômeno puramente subjetivo e o que é a percepção enquanto relação efetiva que se trava entre um sujeito percipiente, um sujeito cognoscente e um objeto.

A raiz dessa confusão já vem de há muito tempo e começa quando Descartes distingue o que ele chama de as coisas extensas — são aquelas que existem, em princípio, fora do sujeito cognoscente —, e a coisa pensante que é o próprio sujeito. Acontece que a coisa extensa, quer dizer os objetos do mundo, se eles se definem pela sua extensão, isso é, pela sua medida, eles são definidos por uma propriedade exclusivamente matemática. Que são: tamanho, peso etc. Essas propriedades só existem ou só aparecem para nós quando nós as medimos, isto é, as coisas não se medem umas às outras, evidentemente, embora haja relações entre elas que podem ser quantificadas. Mas apenas nós — como sujeito cognoscente — podemos fazer isso. Fomos nós que inventamos as unidades pé, jarda, metro, quilômetro, grama, centímetro etc. E nós comparamos umas coisas com as outras; quer dizer, medida é uma coisa que não tem existência em si mesma, ela é apenas uma comparação. Medida é ver quantas vezes uma coisa cabe noutra coisa. Se mudarmos uma unidade de medida, mudamos completamente o resultado. No entanto, de tanto você medir as coisas e encontrar medidas regulares, você pode começar a acreditar que a medida existe objetivamente, quando o que existe não é a medida, mas a coisa medida. Por exemplo: o tamanho de um objeto, de um ente, ou seu peso, existe em si mesmo, como uma propriedade de pressionar o solo. Mas isso não é uma medida, isso é uma propriedade objetiva que nós podemos medir. A confusão entre as propriedades objetivas e a medida se impregnou de tal modo que as pessoas começaram a pensar, vamos dizer, na esteira de Descartes, como se o mundo objetivo fosse constituído apenas das medidas. Ou seja, das suas propriedades matemáticas. Se fosse assim eu não vejo porque precisaria do ser humano para medi-las. Se a objetividade se constitui de medidas, então porque precisa da interferência humana para medi-las?

O que existem são relações objetivas, entre as quais umas são mensuráveis, outras não. Umas são mensuráveis com relativa exatidão, outras apenas na base da conjectura probabilística e, do conjunto de propriedades objetivas, só uma parte pode ser medida, e as demais existem inúmeras maneiras de medir. Essas maneiras podem ser, inclusive, conflitantes entre si.

Nesse sentido, houve aí uma inversão, porque tudo aquilo que é sentido e que é percebido é percebido no sujeito, evidentemente. O sujeito da ação de perceber tem as sensações e as percepções; tudo aquilo que é sentido materialmente passou a ser subjetivo e aquilo que existe apenas matematicamente passou a ser o mundo objetivo, embora esse mundo só exista mediante uma construção intelectual que o ser humano faz. Este é um erro que se impregnou tão profundamente, que provocou o surgimento da acepção atual da palavra percepção em inglês. Quer dizer: a percepção é apenas o que você sentiu. E o que é o fato real? É aquilo que nós podemos medir. Ora, a medição é tão subjetiva quanto qualquer outro pensamento humano, e se essa medição for confirmada por dez ou cem mil pessoas, continua sendo, ainda, uma subjetividade coletiva. Pode ser uma ilusão coletiva.

Quantas vezes não houve medidas inexatas. Por exemplo, o próprio cálculo da unidade metro: a idéia era a circunferência da Terra dividida por não sei quanto; o resultado chamaram de metro no sentido de ser a medida matriz, por assim dizer, e que mais tarde se descobriu que essa medida estava errada. Quer dizer, até hoje estamos medindo com o metro errado, nem por isso deixa de funcionar, porque o método é convencional e todas essas unidades tem de ser convencionadas. Isto é, o que se entende como mundo real é um conjunto de construções matemáticas baseadas em convenções de mensuração. E aquilo tudo que nos impacta sensivelmente e materialmente passa a ser subjetivo, é claro que isso é loucura. O que Descartes estava procurando era uma distinção entre os dados objetivos e subjetivos; a pergunta que ele fez estava muito certa; essa distinção é importante. Que dizer, em um ato de percepção, o que depende do sujeito, da estrutura do sujeito, e o que é dado pelo próprio objeto? Isto é importante. Porém, ao tentar esclarece como se dava essa distinção, ele

conseguiu fazer uma confusão dos diabos que resulta naquilo que o Wolfgang Smith chama de “bifurcação”. Então, o problema não é a bifurcação, porque o sujeito e objeto, de fato, não são a mesma coisa. Quer dizer, nesse momento eu estou tomando café, não o café que está me tomando. Ou como diz o Jean Piaget, na hora que o coelho come alface, é a alface que vira coelho, não é o coelho que vira alface. É uma diferença substantiva. Então, distinguir o reino do sujeito do reino do objeto é muito importante, porém não pelo método cartesiano que simplesmente inverte o problema.

[00:10] O fato de definir as propriedades objetivas como a parte mensurável obteve sucesso porque dava a uma comunidade de estudiosos, de cientistas, a ilusão de que somente a ciência conhece o mundo objetivo, e os seres humanos em geral, os outros seres humanos, só tem as suas impressões subjetivas. Então, a ciência se torna a rainha da objetividade, mas ela se torna mediante esse truque de tomar a mensuração como se fosse um dado objetivo e não uma atividade humana. O número de erros e cretinices que saiu dali é absolutamente imensurável. E nem por isso deixa de ser real.

Há um segundo agravante em que a objetividade do real não só depende de uma construção subjetiva humana, mas esta construção subjetiva também adquire a autoridade da verdade objetiva. Note bem, aquele mundo de mensurações pode ser muito complexo, mas nunca é um mundo completo, porque não é possível você medir uma coisa em todos os seus aspectos, em todas as suas direções, em todas as suas propriedades. É o que observava Leibniz: se você juntar todas as medidas possíveis que você pode obter sobre um objeto, você ainda não tem um objeto, falta algo, ou seja, ele tem de existir, tem de ser alguma coisa. Assim, a consistência ontológica do objeto não pode ser alcançada por nenhum conjunto de medidas, mesmo que seja um conjunto infinito de medidas. Você mede, continua medindo, observando e medindo, e você nunca vai ter um objeto, você vai ter apenas aspectos do objeto e aspectos cuja a unidade, pior, não está no seu objeto, mas está nas relações que você montou intelectualmente. Então, pelo simples fato de acontecer isso você vê que já existe algo de perverso na autoridade pública da ciência. Na base mesmo, independentemente de qualquer desonestidade ou sacanagem. A ciência passa a desempenhar um papel que ela de fato não tem, e de exercer uma autoridade infinitamente superior ao seu campo de aplicação efetiva.

Isso chega ao ponto, por exemplo, que a mera possibilidade de uma descoberta científica futura já é alegada como autoridade atual. Quando você fala: “Ah, aconteceu um milagre de Fátima”; aí o indivíduo diz: “ah, mas isso vai ser explicado pela ciência”. O fato de ele dizer isso já é alegado como se tivesse a explicação científica, como se a explicação já desse conta total do fato. Isso acontece o tempo todo em milhares de fatos. Por exemplo, a teoria da evolução foi aceita muito antes de que houvesse a menor possibilidade, não digo de obter provas, mas de investigar as provas. O próprio Darwin reconhecia que o registro fóssil que temos é insuficiente. Se é insuficiente, quer dizer que não temos as provas, mas apenas que temos uma teoria. Essa teoria pode ser verdadeira e pode ser falsa. Eu acredito que ela jamais será provada e nem impugnada completamente porque número de provas a favor e contra é praticamente ilimitado; já dissolvendo a idéia mesma de prova e a idéia de medida, na verdade. Sempre que leio uma argumentação pró-evolucionista, eu acho que tem razão, e quando eu leio contra a evolução, eu também acho que tem razão, e isso de fato acontece. O que alguns dizem é verdade, e o que outros dizem também é verdade. Porque esta é uma teoria que abrange a totalidade da vida biológica, é uma teoria de tudo. E não é só da vida biológica, também abrange o ambiente mineral, o ambiente terrestre, os planetas etc. É uma teoria de tudo e, como tal, jamais poderá ser provada por meios experimentais, porque a experimentação científica se define pela sua limitação que é o que permite que ela seja controlável. Em outras palavras, tem de ser delimitado um campo muito estrito para que o

experimento possa ser medido e controlado. Se começa a ampliar o campo, a possibilidade da medição e da comparação é perdida; aí não é mais uma teoria científica, mas uma especulação imaginativa, às vezes sequer sem o suporte filosófico suficiente. Como me parece ser o caso da teoria da evolução, e, também, do design inteligente. Hoje em dia, o simples fato desta discussão ter se polarizado ao redor dessas duas hipóteses já mostra uma certa irracionalidade. Em primeiro lugar: quem inventou o designer inteligente foi o próprio Darwin, estando embutido na teoria da evolução, como se pode ver claramente nos parágrafos finais da origem das espécies. Então, não se trata de duas teorias opostas, mas, no fim das contas, da mesma teoria. Em segundo lugar: acho tão impossível provar a evolução, quanto provar o designer inteligente; isso porque num universo que é quantitativamente ilimitado sempre se encontrará indícios de uma coisa e da outra coisa, só podendo chegar a uma conclusão na hora em que se tivesse o controle da totalidade dos indícios; daí poderá ser dito: é isto ou aquilo que predomina.

Por exemplo: existem inumeráveis indícios de uma ordem no universo, como também do caos. Se tivéssemos o conhecimento da totalidade do universo em todos os seus aspectos, mensuráveis e imensuráveis, aí poderíamos dizer se predomina a ordem ou a desordem. Não faz sentido, teologicamente, dizer que o universo é uma ordem total, porque o próprio Deus disse que vai varrer este universo e criar um outro, o céu será descerrado. Por que Deus faria isso se esse universo fosse uma ordem perfeita? Ou seja, Deus está dizendo, na Bíblia, que a ordem desse universo não é perfeita, portanto, ele contém inevitavelmente um elemento de caos e desordem, a ser substituído por um outro mundo de ordem e paz eterna. É o que está escrito na Bíblia, não fui eu que inventei. Portanto, se você, como cristão, quer defender o design inteligente, você está perdendo o seu tempo. O designer deste mundo não é perfeito; se fosse, não haveria o fenômeno do pecado original. Ele corrompe a espécie humana? Não. Corrompe o universo inteiro, de algum modo, porque, segundo a concepção cristã tradicional, o homem é um microcosmo, um resumo do universo e o que acontece no homem perturba, de certo modo, todo o ambiente em volta. Deus não disse que iria acabar com a humanidade e fazer outra, ele disse vou acabar com o universo, com o mundo e fazer outro. Ele está dizendo: O universo que vocês estão vendo não é a minha obra perfeita das origens, é o universo degradado, decaído, que será substituído por uma nova ordem perfeita após o fim dos tempos. Então, do ponto de vista científico, não dá para chegar a prova de que existe ordem e desordem, e do ponto de vista religioso também não. No entanto, você vê as pessoas se digladiando, um dizendo que é darwinista e outro dizendo que é a favor do design inteligente, quando o próprio Darwin foi, praticamente, o inventor do designer.

Agora, em toda a Teologia católica você não vai encontrar um sujeito que diga que este universo é perfeito. Ninguém diz isso! Tornando-se contraditório com o que o próprio Deus disse. Ele disse, repetindo várias vezes que o universo originário, da criação, era bom e não perfeito, mesmo sendo originário. Depois, quando houve a queda e a degradação da espécie humana, com a conseqüente degradação do ambiente cósmico entorno, tornou-se imperfeito mesmo. Então, ele é totalmente imperfeito? Não pode ser. A imperfeição total é inconcebível, seria o caos total. O caos total não é apreensível, isto quer dizer que, necessariamente, ao buscar uma ordem no universo nós encontraremos indícios de ordem e desordem. Sempre. E somente a somatória final permitiria tirar uma conclusão, o que não teremos jamais, porque isso implicaria a onisciência. Portanto, o grau de perfeição ou imperfeição deste universo só é concebível desde o ponto de vista Divino, então, é melhor você perguntar para Ele do que você ficar no laboratório tentando encontrar algo; como dizia Schrödinger, um cego no escuro procurando um gato preto que não está lá.

Esta [00:20] discussão afeta, evidentemente, todo o panorama do debate religioso contemporâneo, onde, por incrível que pareça, as pessoas ainda se digladiam procurando provas da existência ou inexistência de Deus. Eu acredito que você pode ter uma evidência da existência de Deus, mas não uma prova lógica. Esta, tal como desenvolvida por São Tomás de Aquino e outros, apenas demonstra que é mais razoável você crê num Deus do que não crê. Mas ele não te dá uma “certeza lógica absoluta”, porque essa própria expressão é contraditória de algum modo, já que a lógica só investiga a dimensão do possível, nunca a dimensão do fato. Nenhum argumento lógico, no mundo, pode provar que algo aconteceu, está acontecendo ou acontecerá. A lógica só pode provar que uma coisa é coerente ou incoerente com determinada premissa, ou seja, se ela é possível ou impossível, se contém uma contradição interna, tornando-a impossível, ou que não contém contradição, sendo, portanto, possível ou ao menos razoável. Isso é o máximo que se pode chegar.

É possível conhecer Deus? Sim, porque o mundo está repleto de depoimentos de pessoas que o conheceram; então é possível conhecê-lo e ter a certeza absoluta e imediata da sua existência e da sua presença. Porém, temos aí a coisa mais extraordinária do mundo: aquilo que você conhece com certeza total, pela percepção imediata de uma presença, não é comunicável para outra pessoa. Isto é uma fatalidade da constituição humana. O exemplo que eu dou é o de uma testemunha de um crime: ela viu o sujeito matando o outro na esquina, sabe quem é a vítima, sabe quem é o assassino, sabe como foi, sabe tudo! Mas pode provar isso? Não pode! Ao contrário, o seu testemunho é que será usado como elemento de prova, não como prova. O que significa que você irá ajudar a tornar aquela tese mais provável, ou seja, a culpa do sujeito será mais provável do que sua inocência, e isto é o máximo a que se pode chegar. Se não fosse assim, não existiria o erro judiciário que é uma coisa muito comum, onde as pessoas chegam com uma coisa que lhes parecia ser uma prova e no dia seguinte você vê que não foi prova coisíssima nenhuma. Quem quer que tenha investigado algum fato qualquer — pois as pessoas gostam muito de estudar, ver ideias etc. — chegou no máximo a altíssima probabilidade. Experimentem investigar um fato, pode ser um fato banal, para ver se o entende mesmo. Verão que é assim mesmo, que no máximo chegarão a uma razoabilidade, mas certeza absoluta é quase impossível. Existe certeza absoluta do ponto de vista puramente lógico formal, que diz respeito apenas as possibilidades. Por exemplo: pode existir um quadrado com menos de quatro lados? Não pode, porque isto contradiz a própria definição de quadrado, então é impossível. O quadrado é apenas um quadrado possível, é um quadrado universal, uma idéia universal de quadrado.

Quando as pessoas colocam o problema da existência ou inexistência de Deus, colocando no plano dos argumentos, estão fazendo buracos n'água. Isso porque Deus não é um universal abstrato, Ele é uma pessoa! E você não pode chegar a uma prova universal abstrata da existência de uma pessoa, pois esta só se conhece por experiência. Você pode provar, só por argumentos, a existência da sua mãe, da sua avó da sua tia, da sua namorada ou a sua mesma? Você não pode. Só de um jeito: você tem de se mostrar e dizer: olha, eu existo eu estou aqui — se bem que a minha conta no Google foi suspensa porque eu estava me fazendo passar por Olavo de Carvalho e até hoje eu não consegui provar que eu sou eu mesmo. Então, se Deus é uma pessoa, uma individualidade de alcance universal — mas ainda assim uma individualidade —, é uma pessoa que usa a palavra, o pronome, “Eu” com pleno direito — na verdade, Ele é o único que usa essa palavra com pleno direito. Nele tudo é personalizado, não há nada Nele que não seja Ele. Já em nós, cada um de nós, existe uma série de elementos que não são nossos: nossa hereditariedade, que desconhecemos, não sabemos o que tem lá: pode ter cobras e lagartos e não sabemos; as influências de fora que foram se impregnando e que não lembramos mais de onde vieram; tudo isso não é você. Na verdade, eu não acredito na existência do “inconsciente pessoal”, porque se é um inconsciente, não é pessoal. São

elementos estranhos que estão impregnados e que me afetam de alguma maneira, mas não posso dizer que sou eu. Isso quer dizer que somos “eu’s” por delegação, por empréstimo; somos “eu” em potência, ou seja, ao longo do tempo nós vamos nos personalizando, pegando os elementos estranhos que estão em nós e trabalhamos e personalizando: cortando uns, transformamos outros, desprezamos alguns que não tem importância, e lá pelos setenta, oitenta anos, saberemos mais ou menos quem é o tal do “eu”; se chegar a isso! Mas quando Deus diz: “Eu sou Aquele que Eu Sou”. Quer dizer que Nele tudo é “Eu”, não há o elemento estranho, externo; o próprio Apóstolo São Paulo diz: “Nele vivemos, nos movemos e somos”. Não há nada que não esteja em Deus de algum modo, isso não significa Panteísmo e que Deus é o universo, Ele é esse universo e mais quantos universos ele queira criar. Ele mesmo já disse que irá criar outros. Portanto, Deus não pode ser esse universo, Ele o transcende. Ao mesmo tempo, tudo o que é neste mundo e que nós dizemos que não é Deus, quer dizer que não é Deus inteiro, mas aquilo está em Deus, não há outro lugar em que possa estar. Por isso diz o Apóstolo: “Nele nós vivemos”. Nós vivemos, o planeta Terra e as galáxias inteiras existem em Deus, como possibilidades internas do próprio Deus, que não se confundem com Ele e que também não estão “fora” Dele. Nada pode existir fora de Deus. Isso quer dizer que Deus é o que usa a palavra “Eu” com total propriedade; Nele tudo é personalizado. Alguém pode usar uma imagem bonita e dizer: “Em Deus o corpo inteiro é um rosto”. Ora, nós reconhecemos as pessoas pelo rosto, se você vir um sujeito pela ponta do dedo não saberá quem é ele, se vir pelas costas: mais ou menos; isso indica que no nosso corpo somente algumas partes estão personalizadas, especialmente o rosto e os olhos.

Outro dia eu estava assistindo um filme em que o sujeito fez uma operação plástica para mudar de identidade, incluindo a mudança da cor dos olhos. Mudou a cor, mas não mudou a expressão! Quer dizer, o olho é a parte mais expressiva da pessoa, pode mudar o nariz que ainda reconhecemos a pessoa, mas o olho tem uma expressão pessoal, sempre reconhecemos. Mas e o resto? A testa, a orelha, o braço? A mão já é mais personalizada, mas o pé já não é! Você coloca ele dentro do sapato e o coitado não pode nem se mexer lá dentro, você vai andando e estraga o seu pé ao longo do tempo, o pé fica todo torto cheio de calosidade e não se pode dizer que isso é pessoal, você não escolheu que seu pé ficasse assim, foram as condições ambientes. Em nosso corpo só uma pequena parte é personalizada e outras são elementos impessoais que nós carregamos. Em Deus não existi isso, essa estranheza, essa alteridade dentro Dele, por isso Ele se Define como “Eu”. Veja você, nós levamos algum tempo para perceber “eu sou eu”! Para captarmos um pouco da nossa identidade leva algum tempo, e podemos perdê-la com alguma doença mental ou quando perdemos a memória. Perdendo a memória também perdemos a identidade. Tudo isso em nós é incerto, ao passo que em Deus é certo, permanente e imutável.

Quando se fala do debate da existência ou inexistência de Deus, o que existe são apenas argumentos, mas nunca provas. Eu acompanho, por exemplo, muitos desses debates do William Lane Craig, onde ele dá argumentos absolutamente brilhantes [0:30]; em geral, ele humilha os adversários, mas humilhar é uma coisa, provar sua tese é outra.

A existência de Deus não pode ser provada por argumentos no nível da certeza absoluta, mas apenas no nível da razoabilidade. Você pode chegar até àquele ponto: “se você não acredita em Deus, você é um idiota, você é um maluco”; você pode chegar até nisso, mas isso não é uma certeza lógica absoluta. Por que você não pode dizer isso? Porque você só poderia chegar à certeza absoluta se Deus fosse um universal abstrato. Como Deus é uma individualidade concreta — que inclusive se manifesta no tempo, sob a forma de uma presença humana —, então você só pode conhecê-lo por experiência, como se dá com qualquer outra pessoa. E, por isso, você verá que os argumentos pró e contra a existência de Deus são quase os mesmos há

muito tempo. Eles se tornam um pouco mais elegantes, um pouco mais sofisticados, mas em essência não mudam. Ao passo que o número de experiências de Deus que houve, no mundo, é ilimitado. Há essas vidas todas de santos místicos como São João da Cruz, Padre Pio de Pietrelcina, São Francisco, tantos e tantos que conheceram Deus por presença, pela ação direta de Deus, pela ação direta e personalizada com que Deus se dirige e fala com uma pessoa ou introduz modificações na vida daquela pessoa — que você vê que são modificações intencionais.

Então, quando você vê essa ação intencional de Deus, você está vendo a presença e ação Dele — como, exatamente, você vê a ação de um ser humano. O que caracteriza a ação de um ser humano sobre você? A intencionalidade da ação. Por exemplo, esbarrar em você — um carro pode esbarrar, uma motocicleta pode esbarrar, um urso pode esbarrar —, qualquer coisa pode esbarrar, mas empurrar você propositadamente para que caia, só um ser humano pode fazê-lo. Nem uma fera que ataque você faz isso, ela simplesmente bate. Mas, por exemplo, alguém jogou o sujeito de baixo de um ônibus: isso só um ser humano pode fazer porque há uma intencionalidade, neste caso, maligna, mas se fosse uma intencionalidade boa, também. A intencionalidade significa que, por trás daquela ação, existe uma consciência que é dona de si, é senhora de seus atos, e que, livremente — sem a sua influência —, decide fazer isto ou aquilo, com a consciência dos efeitos que pretende desencadear.

A ação divina é a mesma coisa. Quer dizer que não são modificações acidentais que possam ser explicadas por fatores impessoais externos — é isso o que eu expliquei também na aula *“O Que é um Milagre”*. Onde você vê um milagre, não é uma coisa estranha que aconteceu; é uma sequência de ações e de acontecimentos que marcam claramente uma intencionalidade. E, por isso, fazem sentido e se estabelece ali um diálogo, um encontro. Então, este tipo de conhecimento de Deus é abundante; não confundam isso com a idéia — esta, sim, herética — de que só conhecemos Deus por uma experiência interior, por uma vivência interior ou por um sentimento — isto é herético completamente. A ação Divina é uma ação objetiva externa, é uma ação sobre o mundo físico. Então, quando eu digo que só o conhecimento experimental de Deus vale, não é experiência no sentido psicológico subjetivo, de jeito nenhum, é experiência no sentido objetivo. Por exemplo, se você pegar aquelas curas todas que Deus operou a pedido do Padre Pio de Pietrelcina, não eram modificações subjetivas: “ah, eu tive uma impressão de que Deus falou comigo”. Não, não; ou era uma coisa que acontecia mesmo, no campo físico, ou não acontecia.

Existe esta possibilidade do conhecimento de Deus, mas essa possibilidade só tem validade cognitiva para aquele que a experimentou, ela não é transmissível. Acontece que todas as verdades importantes no mundo são assim. As verdades que são totalmente transmissíveis, ou são verdades puramente lógicas, ou são verdades científicas parciais obtidas mediante um recorte e uma série de procedimentos de verificação — que são altamente deficientes e altamente falíveis —, que se impõem, de um certo modo, para uma coletividade até que alguém as desminta. Por exemplo, hoje sabe-se que a possibilidade de você repetir, replicar (*replicate* como se diz em inglês), uma experiência científica é quase nula. Sempre existe uma diferença, uma interferência qualquer, e a segunda experiência nunca é igual à primeira, então, no máximo, o que uma ciência atinge — qualquer ciência — é apenas probabilidade razoável. Sempre.

No entanto, o conhecimento que é obtido pela experiência direta é inegável, porque é a experiência de uma presença. A presença é um aqui e um agora, e um aqui e um agora representam, então, um fato. Um fato quer dizer uma coisa que aconteceu e que não pode mais “desacontecer”, mesmo que você o esqueça. Quando eu digo que este tipo de experiência

fornece a certeza absoluta, eu estou falando disto no ponto de vista da validade objetiva dessa certeza e não da crença subjetiva. Isso porque o indivíduo pode se esquecer da sua experiência e ele pode negá-la, inclusive; ele pode mentir para si mesmo, e dizer que não viu aquilo que ele viu. Portanto, subjetivamente, não existe essa certeza, mas existe objetivamente. Aquilo aconteceu realmente, não “desaconteceu”, embora possa ter sumido da sua memória ao menos parcialmente.

É por isso que eu descrevi que se você quer provar que Deus existe ou que não existe, você tem de admitir a existência de um domínio chamado “existência” que O transcende e que Ele está ou não está; e isto é coisa de maluco. Deus está dentro da existência ou fora dela? Nos dois casos Ele teria de ser menor do que a existência, teria de ser algo que existe dentro de um campo chamado existência, mas, se você acabou de definir Deus como um ser infinito que transcende todo o campo do existente, então não tem sentido o que você está fazendo. Isso quer dizer que Deus não pode existir no sentido que as coisas existem. Ele pode existir num outro sentido, num sentido que transcende tudo isso. Mais ainda, você poderia se colocar fora e acima da existência para julgar o que está dentro dela ou não? Não, não pode. Portanto, só existe uma maneira de conhecer Deus: é reconhecer que você está dentro Dele; e isso acontece quando Ele quer. Ou seja, a presença de Deus é uma presença abrangente, que engole você de alguma maneira. Engole e transforma. Esta é a única maneira de você conhecer Deus. É a Deificação de que fala a Igreja Católica. Isso quer dizer que o processo de conhecer Deus é você deixar que Ele o transforme Nele, até o ponto em que chega àquilo que dizia o apóstolo: “Não sou eu quem está mais aqui, é Jesus que está em mim”. Por que é Jesus que está em mim? Você deixou de existir? Não, você só existe e só tem um “eu” porque Deus te insuflou esta individualidade e esta possibilidade de ter um “eu”. Quando você vai se transformando nele, você não deixa de existir, você passa a existir de maneira mais intensa. Porque aí sim você tornou-se um “eu”, aí sim você se personalizou.

Não é a idéia da fusão em que o “eu” desaparece e é engolido numa universalidade abstrata, como mais ou menos é na metafísica Hindu, isto é, “eu não ou mais eu, eu sou o Brahman”. Isso é entendido como uma supressão da existência individual. Na verdade, a existência individual é preservada porque ela é a expressão da vontade de Deus, ela personalizou você. Ele não iria personalizar você só para depois o dissolver e o transformar Nele de novo. Portanto, não é uma fusão; é uma absorção, é uma superação no sentido do alemão *aufhebung* de uma coisa abrangida e superada ao mesmo tempo, e que, na medida em que se supera, se intensifica. Este é o verdadeiro caminho para conhecer Deus. Agora, as provas, os argumentos, estão todos no nível da razoabilidade apenas. [0:40]

Segunda notinha.

“O raciocínio lógico tem em si as razões da sua validade, mas não da sua cognoscibilidade”.

Ou seja, a lógica é um conjunto de regras que permite você verificar a validade de uma conclusão em face de uma premissa colocada antes. É só isso e nada mais. Ou seja, é a coerência do discurso. Então, o que você obtém pela análise de um raciocínio lógico é a sua validade ou invalidade, nunca a sua veracidade. Veracidade lógica quer dizer apenas validade. Agora, como que nós conhecemos o raciocínio lógico? Como que nós apreendemos um raciocínio lógico? Só existe um jeito: você capta intuitivamente e imediatamente a identidade de duas proposições. Você pode fazer isso por lógica? Não, porque, para você fazer por lógica, você deveria dissolver aquele raciocínio num outro e num outro e num outro e isso não terminaria nunca. Quando você percebe que uma conclusão está contida na premissa, você

apreende de maneira imediata e intuitiva ou não apreende jamais. Não existe uma maneira lógica de apreender isso.

Daí a minha tese, que anos atrás eu chamei “Intuicionismo Radical”: não existe conhecimento racional, o conhecimento é intuitivo ou não é nada. E intuição significa percepção imediata de uma presença. Quando digo que “todo homem é mortal”, “Sócrates é um homem”, portanto, “Sócrates é mortal”, estou percebendo intuitiva e imediatamente que essa conclusão está contida na premissa. Não existe um modo lógico ou analítico de perceber isso. Ou eu percebo uma vez, ou não percebo jamais. Portanto, o fundamento do conhecimento racional é uma percepção intuitiva e imediata: percepção de uma presença. Você pode perceber a presença, por exemplo, de um elefante que está ali ou você pode perceber a presença de uma proposição dentro da outra. Então, é um objeto puramente mental, mas a sua identidade — ou o fato de que uma está contida na outra — é percebido pela presença de duas sentenças que estão presentes na sua mente, e você percebe que uma é a outra ou que uma contém a outra. Portanto, todo conhecimento é intuitivo ou não é nada. Quando você está falando de conhecimento racional, você está falando apenas de esquemas de possibilidades que lhe parecem mais razoáveis. Mesmo essa razoabilidade: como você percebe que um raciocínio ou uma demonstração é razoável? Ou você percebe intuitivamente ou não percebe jamais. Portanto, a famosa distinção que a filosofia clássica admitiu durante séculos de que existe um conhecimento intuitivo e um conhecimento racional cai por terra. Todo conhecimento é intuitivo ou não é absolutamente nada.

Também, sempre que nós dizemos isso, sempre vai aparecer esses teólogos de botequim querendo dizer: “Ah, você está querendo dizer Irracionalismo? Você está querendo dizer que o conhecimento de Deus é por uma intuição interior, por uma experiência interior?”. Não, não estou falando nada disso, estou falando de algo completamente diferente. Não estou falando com analfabeto, se você não consegue entender o que estou falando, o seu lugar é na cozinha se houver ali um espaço para você, ou no banheiro ou na privada — como dizia a Leilah quando pequena: “vai pa lá o dento”.. Ou você entende o que estou falando ou não venha discutir.

Entre isso que estou dizendo e qualquer das teses modernistas que foram condenadas pela Igreja existe uma distância imensurável; uma coisa não tem nada a ver com a outra, mas tem gente que julga as coisas pelas palavras que você usa. Daí dizem: “Ele usou a palavra intuição, então, você é um discípulo do Henri Bergson; ele entrou no Irracionalismo etc., entrou no modernismo”. Apenas porque foi usada uma palavra.

“O raciocínio lógico seria impossível sem a percepção intuitiva da igualdade de duas proposições. Não há conhecimento racional, só conhecimento intuitivo.”

Todo o racional existe, é claro, mas ele é fundamentado no intuitivo, na percepção imediata de uma identidade.

“Como percebo a unidade de duas proposições num silogismo? É por outro silogismo e mais outro e mais outro e mais outro ainda ou é por uma intuição imediata da forma”?

Claro que é pela intuição imediata da forma.

“Intuição é percepção imediata de uma presença”.

O que é uma presença? É um aqui e um agora. Isso quer dizer que você só percebe quando a coisa está na sua frente. Por exemplo, você só percebe a identidade de duas proposições

quando você está pensando nelas; se você parar de pensar nelas, você não percebe mais nada. Então, como você tem esta percepção imediata da identidade, e você tem o conhecimento dos princípios lógicos da validade das proposições, logo, você é capaz de perceber que uma determinada proposição é não somente válida mas também verdadeira.

“Por baixo ou para além da intuição, só existe o conhecimento por presença que a torna possível”.

Qual é a distinção entre intuição e conhecimento por presença? A intuição só acontece no momento em que acontece, mas se os objetos não estivessem permanentemente presentes não aconteceria intuição alguma. Por exemplo, eu posso conceber que somente aquilo que estou intuindo agora existe, e, assim, posso pensar em um silogismo como “todo homem é mortal, portanto, Sócrates é mortal”, e disso concluo “ah, Sócrates é mortal já estava contido na premissa”. Isso eu estou intuindo agora, não estou intuindo mais nada — eu não estou intuindo que eu existo, nem que o mundo existe, nem que Sócrates existiu, nem que eu estou lendo isso. Seria possível intuir esta coisa de tal modo que somente ela fosse verdadeira, e tudo o mais fosse duvidoso, incerto ou falso? Claro que não.

Portanto, a existência da presença antecede a intuição e a possibilita. Nem tudo pode estar presente para todos os seres humanos ao mesmo tempo, mas a presença tem de estar ali. Essa presença não pode ser apenas potencial, porque se fosse assim teria de atualizá-la; então somente a intuição atualizaria a presença e, assim, a presença só passaria a existir no momento da intuição, o que é falso absolutamente. A intuição efetiva atualiza a consciência da presença, mas não a própria presença. A presença tem de anteceder-la. E a consciência da presença pode se expressar naquela famosa tese do Mário Ferreira dos Santos: “algo há”, ou seja, algo tem de haver, algo tem de estar presente sempre. Caso contrário, teríamos de admitir que só existe aquilo que eu intuo no instante em que eu intuo — o que leva, evidentemente, a consequências absurdas.

“Em vez de se esforçar para provar alguma coisa, o filósofo se dedica a perceber e expressar depois de apreender e abrir-se à Presença”.

Ou seja, a Presença em torno de nós é um negócio ilimitado, nós não sabemos onde termina. E existem não só um número ilimitado de coisas numa visão horizontal do mundo — por exemplo, no mundo das coisas físicas, na mesma modalidade de existência, e nem esse nós conseguimos abarcar —, mas também no sentido vertical. Ou seja, onde existem fenômenos mais profundos, fenômenos mais de superfície, fenômenos mais duráveis e outros mais transitórios e assim por diante.

“Todas as nossas intuições são instantâneas, só o conhecimento por presença me informa da continuidade do mundo”.

Eu posso perceber a continuidade do mundo? Não, não posso percebê-la, mas sem ela não poderia ter intuição alguma. Então existe uma consciência de presença que antecede a intuição; ela não é uma conclusão que você tira, ou seja, primeiro você tem uma intuição e depois você analisa a intuição e diz: “ah, se não existisse a presença, não poderia ter a intuição”. Claro, você pode concluir isso depois, mas o conhecimento da Presença não é resultado dessa análise posterior. Essa análise posterior só confirma o que já você sabia antes. Ou seja, de que existe a Presença.

O conhecimento por presença é a base de tudo: da intuição, da racionalidade e até dos erros. Todo mundo tem o conhecimento por presença. E o conhecimento por presença é, sobretudo,

de uma presença ilimitada: nós sabemos que aquilo que está presente não é limitado por aquilo que eu sei. Porque, se fosse limitado por aquilo que eu sei, significaria que a forma da realidade seria a mesma forma da minha mente, e eu não poderia apreender nada de novo. Ou seja, só aquilo que já sei existe, e aquilo que não sei, não existe. Porém, nós sempre sabemos que, [0:50] para além do que sabemos, há outras coisas que não sabemos, mas podemos saber. Se não soubéssemos disso, não tentaríamos aprender nada: o mero esforço de aprender, a tentativa de aprender, já mostra que existe a consciência da presença. Tudo isso é muito claro depois do que a gente explicou. Mas, no início, a idéia de conhecimento por presença pode parecer até esquisito porque o conhecimento por presença é de fato você saber de algo que você não sabe. E isso existe! Você saber de algo que você não sabe existe porque, se você não sabe de algo que não sabe, você não poderia saber coisa nenhuma — você sabe que existe a presença, mas só não sabe o que ela é, e ela continua a existir.

“Só o conhecimento por presença me informa da continuidade do mundo. A razão pode reforçar as razões de crer nela, mas não pode prová-la já que toda possibilidade de prova se assenta nessa mesma continuidade”.

Isso quer dizer que, se eu não acredito na continuidade do real, como posso provar o que quer que seja? Por exemplo, quando eu chego na conclusão do raciocínio, como posso provar que ainda é o mesmo raciocínio? Ou seja, se não houve uma continuidade no tempo, acabou a prova. Essa mania de provar é coisa de contabilistas e de policiais, coisa de gente que gosta de discutir; ora, discutir às vezes é importante quando você tenta provar uma coisa para uma outra pessoa. Ou seja, a busca da prova, não é a busca do conhecimento; a busca da prova é, apenas, uma habilidade de comunicação. Ou serve também às vezes para você verificar retroativamente algo que você já sabe.

“O filósofo pode estimular a intuição para que seus ouvintes percebam o que ele percebeu, mas não provar algo a quem que não percebeu nada”.

Tudo isso que estou falando, desde que comecei esta aula, tudo se baseia na sua memória — na memória que você tem das suas experiências. Assim como quando você leu os diálogos de Platão, tudo o que Sócrates diz para os seus discípulos ou ouvintes se baseia naquilo que eles já sabem. Se baseia na memória deles e no testemunho deles. Por isso que eu digo: o testemunho é a base de todo o conhecimento humano porque o testemunho é o que permite ao indivíduo que teve uma intuição sugerir ao outro o caminho que ele deve percorrer para ter a mesma intuição se ele quiser — se ele não quiser ver, não tem jeito. Ademais, se ele vê e quer mentir dizendo que não viu, também não tem jeito.

Isso quer dizer que o testemunho é base de todo o conhecimento, inclusive do conhecimento científico na sua totalidade. E o testemunho depende eminentemente da confiabilidade dos seres humanos. E essa confiabilidade depende do amor ao próximo. Ou seja, nós não estamos e não vivemos num mundo de interdevoração, como pretendia Hobbes. A interdevoração acontece, mas ela não é a nossa experiência constante, ela é a exceção, nunca a regra. A regra é aquilo que dizia Santo Agostinho: “A base da comunidade humana é o amor ao próximo”. Então, o amor ao próximo torna possível o testemunho que torna possível o conhecimento e o intercâmbio do conhecimento e assim por diante. Não existe nenhuma maneira mecânica ou puramente lógica de você se defender contra isto. Existe algum cálculo matemático que possa nos livrar da necessidade do testemunho e dar a certeza absoluta independente de tudo que os outros seres humanos possam ter dito ao longo dos tempos? Não existe isso, isso é utópico. Quer dizer, essa seria a certeza universal absoluta que um indivíduo só obtém na mente dele e que não depende de mais ninguém, e isso é impossível. Para fazer isso, você precisaria ter

chegado uma certa idade, e, para chegar numa certa idade, você precisaria que sua mãe tivesse amamentado você e assim por diante.

Então, você precisa existir, e a sua existência dependeu de outros seres humanos. Nós sempre dependemos de outros seres humanos, e a confiabilidade do testemunho continua sendo a base de todo o conhecimento, e ninguém é mais esperto do que o resto da humanidade inteira para poder prescindir de todo mundo e chegar, sozinho, à certeza absoluta transcendente. Isso não existe. Aquilo que Descartes estava fazendo é o seguinte: ele estava fazendo uma hipótese demoníaca, que é do engano universal, e tenta, mediante argumentos, defender-se contra esse demônio. Mas esse demônio está rindo da cara dele porque, na hora em que ele pensa ter escapado, ele cai numa armadilha pior do que essa da bifurcação que nós falamos lá no começo da aula.

Portanto, todos nós somos seres humanos e dependemos da confiabilidade humana — notem bem, eu não disse da sociedade humana, porque as sociedades são perversas. Tudo aquilo que está na sociedade é um conjunto de hábitos, de instituições, de cacoetes, que se consolidaram num determinado lugar. Logo, se nós dependemos inteiramente desta sociedade, nós nos privamos de tudo aquilo que ela não sabe e que ela não pode. E, por isso mesmo, que nós podemos transcender a esfera da nossa cultura, da nossa sociedade, ouvindo o que os homens de outras épocas e lugares disseram.

Por exemplo, você se libertar dos limites da cultura moderna supõe que você seja capaz de se impregnar de elementos de outras culturas, de outras épocas e de outros lugares. E vivenciá-los com a mesma confiabilidade que você dá aos da cultura moderna. Ou seja, você diz: “eu não vou experimentar pensar como um habitante de uma sociedade urbana do século XX, mas como um homem do século XIII ou como um chinês do século V a.C. e vou ver no que dá”. Porque, afinal de contas, eram todos seres humanos e não eram mais idiotas do que nós, e nós, sobretudo, não somos tão espertos quanto normalmente nos imaginamos ser. Isso significa que, se nas cosmovisões dessas outras sociedades não existisse razão nenhuma e nem fundamento algum — se fosse tudo uma vasta estupidez —, nós jamais poderíamos ter chegado onde nós chegamos. A idéia de que a presente civilização científica tem o maior domínio sobre a realidade do que as outras civilizações é perfeitamente infantil — nós acabamos de ver que isso é impossível. Inclusive, quando as pessoas perguntam, por exemplo, o que eu acho das obras de René Guénon, Frithjof Schuon e toda essa Escola Tradicionalista, eu digo que o maior mérito dela é o seguinte: é nela que, pela primeira vez, você vê uma possibilidade de você se colocar fora e acima da modernidade cotejando as concepções, as cosmovisões de outras épocas comparando com a modernidade em pé de igualdade. Ninguém mais sabe fazer isso no mundo. Por mais que se ensinar, ninguém mais consegue, todo mundo fica um pouco escravo da modernidade. Ou seja, crenças, as que são perfeitamente ilegítimas da modernidade e que não tem validade absoluta, são tomadas como se fossem de validade absoluta. Por exemplo, a evolução delas; a evolução pode ser válida, nós não sabemos. Mas será que somos capazes de pensar, como outras épocas pensaram, numa perspectiva não evolucionista? Ou esse modo de pensar se tornou, para nós, incompreensível? Ou seja, somos nós que não entendemos. Nós ficamos mais burros porque, se fossemos tão inteligentes quanto imaginamos ser, teríamos de ser capazes de absorver toda aquela cosmovisão inteira e superá-la. Porém, se não conseguimos sequer entendê-la, não conseguimos imaginar o mundo daquela maneira.

Por exemplo, quando os apóstolos dizem: “Jesus Cristo subiu aos céus”. No mundo pós-copernicano, a expressão subiu aos céus não significa coisa nenhuma — os céus não está em cima, nem embaixo. Então, você seria capaz de se transportar para uma cosmovisão onde

Jesus Cristo sobe aos céus? Para fazer isso, você precisa levar a crítica da modernidade e da cosmovisão científica muito fundo até você perder o medo completamente, e isso foi a escola do Guénon e do Schuon que ensinou. Não há outro lugar onde você possa aprender isso. Todas as outras críticas da modernidade são ou baseadas em fundamentalismos — portanto, numa visão regressiva e, às vezes, baseada no ressentimento —, ou são baseadas numa utopia pós-moderna. E as duas alternativas são completamente impotentes. Então, eu digo que o grande mérito do Guénon e do Schuon é sobretudo este aqui: eles nos limitam da autoridade abrangente da modernidade e nos permitem ver as coisas desde a perspectiva de várias épocas e lugares de tal modo que essas perspectivas adquirem, para nós, a confiabilidade e a credibilidade do mito moderno. No fim das contas, são todos meio mitos e meio realidades — ou, como dizia Leopold Von Ranke, “todas as épocas são iguais perante Deus”. Não existe nenhum avanço do conhecimento que não se pague com doses maciças de esquecimento e de progressiva [1:00] incompreensão.

Eu digo que Guénon e Schuon abriram essa possibilidade, mas, é claro, ela depois foi levada muito acima pelo Seyyed Hossein Nasr, sobretudo pelo Wolfgang Smith (talvez porque o Wolfgang Smith teve uma formação científica moderna muito mais sólida do que eles).

Aluno: O senhor mencionou no Facebook o mecanismo de identificação analista-paciente, que o analista controla no processo terapêutico. Como funciona isso mais detalhadamente? O senhor disse também que no ensino é impossível este tipo de relação e que o aprendizado depende de um amor como de um irmão mais velho. Esse amor é a mesma coisa a que Confúcio se referia quando punha a relação professor-aluno como análoga entre pai e filho?

Olavo: Primeiro vamos explicar brevemente o que é a transferência. No curso de um processo analítico, o analisado (paciente) está fornecendo um material mais ou menos caótico, que vem das suas emoções, dos seus sonhos etc., e a articulação disso só existe na cabeça do analista. Portanto você tem um sujeito confuso e outro que está fornecendo para ele, gradativamente, certos elementos de ordem. Mas o analista não fornece esses elementos diretamente, ele dá uma dica aqui, outra ali, para que o paciente, ele mesmo, vá reencontrando a unidade do seu ser, por assim dizer: reconstrua o seu eu. O que vai se mexer numa análise é o eu, é a história do eu, na verdade. Durante um período, a única chave que você tem para o seu eu é o analista, você não tem outra. É ele que está com a faca e o queijo na mão. Como você tem um eu faltante, o seu eu está incompleto, está disforme, está quebrado etc., você se apóia na pessoa do analista, sem saber para onde ele vai levá-lo. Mesmo porque ele não vai lhe explicar tudo, ele não vai lhe explicar coisíssima nenhuma, vai apenas lhe dar uma dica e vai lhe indicar muito sutilmente o caminho das pedras para que você mesmo o percorra. O processo é muito demorado. É isso que chama “transferência”, quer dizer, uma função psíquica sua importante na estrutura da sua personalidade é transferida para a pessoa do analista, e ele se torna ali de certo modo o personagem central da sua vida. Isso quer dizer que você vai fazer muitas coisas que não compreende baseado numa autoridade hipotética do analista. Não é que você vai fazer o que ele mandou, porque ele não mandou fazer nada. Você faz as coisas que quer, mas você está confiado na autoridade do analista, a qual você não está compreendendo e que você só compreenderá, se compreender, no fim do processo. Então você fica durante muito tempo numa posição de dependência emocional extrema.

Isto é completamente diferente de uma situação de ensino, onde supõe-se que você não chega aqui com o eu todo fragmentado e em estado de desespero e querendo que eu o cure. Porque se você estiver assim, eu não recomendo que você estude. Vamos cuidar de você primeiro. Mando você para um analista, e ele dá um jeito em você, dá-lhe um remédio, uma coisa assim. O ensino é para as pessoas saudáveis que estão *intelectualmente* desorientadas, e não

emocionalmente devastadas. Se você não tem aquele mínimo de resistência emocional para esse mundo aqui, então você não tem nem condição de estudar. A relação de ensino é completamente diferente. Isso porque se espera que você vá entendendo gradativamente cada coisa que lhe foi ensinada. Isso não é um processo de transformação interior que, na verdade, nem mesmo o analista entende porque ele também não sabe para onde ele vai levá-lo, ele não sabe qual vai ser o resultado. Ele está apenas o incentivando e dando uma dica ou outra para que você se reconstrua, para que você crie o seu outro eu. Ele não é o dono desse eu. O que ele faz é desempenhar conscientemente esse papel de eu ou até de superego auxiliar (quer dizer, uma parte da sua função), como se fosse uma muleta, até que você possa caminhar um pouco por suas próprias pernas. Porém, no ensino, a coisa não é assim. Não é que você precisa assistir duzentas aulas para depois entender, você tem de entender na mesma hora. Portanto, a função de um professor não é a de seu superego nem a de ego auxiliar, a função de ensino é dada de uma maneira onde a única força agente é você mesmo, é você que tem de entender tudo. Não estamos aqui num processo complexo de reconstrução de um eu que vai ser vivido entre sombras, que vai permanecer numa imensa confusão durante muito tempo para, gradativamente, depois de três, quatro, cinco anos, sair dela. Não é assim.

Acontece que, se o neguinho entra aqui e está perturbado além do que seria normal na nossa sociedade (porque existe um certo estado de perplexidade e confusão que é generalizado na nossa sociedade, mas que em princípio não deve afetar a sua capacidade de desempenhar as suas funções na sociedade), ele começa a não entender o que estou falando e transfere a relação para uma camada puramente emocional. Acontece que, no processo de transferência na análise, como você se torna dependente do analista para muitas das suas funções mais íntimas e pessoais, mais tarde vem um negócio que chama “contratransferência”, em que, para se livrar do analista, você começa a odiá-lo de alguma maneira e começa a lançar sobre ele a culpa de tudo. Isso é normal na análise. Existe o processo de transferência, que é controlado, e a contratransferência, que também é controlada. Geralmente, na contratransferência, o paciente diz que quer acabar com a análise, que quer parar, e o analista diz que não recomenda acabar neste momento porque não está na hora. E o paciente acha que o analista é um charlatão. Mas o analista deve insistir: “Não interessa, continua que vai ser para o seu bem”. Em outras palavras, é um processo controlado. Agora, para controlar isso, você precisa, primeiro, que seja uma situação analítica, não uma situação de ensino; segundo, você precisa ter o paciente a seu alcance, você não pode fazer isso anonimamente para milhares de pessoas. Só se fosse Deus. Vou controlar aqui a sua transferência e contratransferência por telepatia. Não dá, não estou nem vendo você.

A relação de ensino é totalmente diferente porque você tem de ter o controle de cada passo. Se uma coisa que falei na aula você não entendeu, você ouve de novo, lê a transcrição, discute com os seus amigos, até entender aquilo. E a próxima aula? A próxima é a próxima. Às vezes tem alguma coisa que eu explico e deixo claro na hora: “isso aqui não dá para explicar tudo agora, explico melhor depois”. Mas isto é exceção. Em geral, eu pretendo que o que estou dizendo seja compreendido na hora da melhor maneira possível, para que essa sucessão de etapas de compreensão vá se acumulando e você vá adquirindo uma certeza e uma firmeza cada vez maior. Eu não quero que você caminhe entre as sombras durante três ou quatro anos para depois dar uma contratransferência. Mas tem gente que cai nessa, sobretudo quando o sujeito entra com medo e com desconfiança. Muitas pessoas pensam: “o que está por trás desse cara? Para quem ele trabalha?”. Começa com essas idéias, então já criou uma relação mórbida. Porque aqui é o seguinte: eu trabalho para mim mesmo e para minha família, ninguém manda em mim, só Deus — e mesmo assim nem sempre obedeco. Aqui não tem ninguém por trás, não tem movimento por trás, não tem partido por trás, não tem nem igreja por trás.

Isso aqui é filosofia, uma atividade eminentemente individual de busca de uma orientação, e onde o que posso fazer é lhe dar o resultado das minhas investigações, das minhas experiências, de modo que, ao percorrer as etapas de uma evolução similar a minha, você o faça de maneira muito mais rápida do que eu fiz. Às vezes, coisas que levei quarenta anos para entender, eu faço você entender em quatro meses; às vezes até em quatro dias. Esse que é o objetivo: fazer com que o aprendizado, na passagem de uma geração [1:10] para outra, seja otimizado. Isso porque depois que eu sair deste mundo ou quando ficar gagá e parar de ensinar, você vai continuar aprendendo. E eu espero que você descubra outras coisas que eu não sabia, porque senão para que você vai aprender se é para fazer sempre a mesma coisa? Esta idéia de uma acumulação, de um progresso, de um crescimento, é essencial na educação. Então primeiro você vai crescer até alcançar o limite da sua capacidade e depois vai exercer essa capacidade em benefício de um povo, de uma nação, de outras pessoas etc. Esse que é o objetivo. Mas se o nego entra aqui com a idéia errada, com a intenção errada, ou entra já com uma atitude mórbida no início, às vezes a pessoa é um baita de um neurótico e não sabemos, então a neurose dele vai piorar muito durante o curso, porque ele vai criar uma atitude transferencial. E depois para se livrar da transferência, ele vai ter de odiar o professor, acusá-lo de tudo. O sujeito tropeçou numa casca de banana, é culpa do Olavo. Isso é claro que é exceção, isso não acontece com a maioria, graças a Deus, mas “*pirare*” *humanum est*.

Aluno: Com quem eu faço os meus diálogos filosóficos? Não tenho ninguém para discutir comigo, não tenho sequer alguém para me ouvir.

Olavo: O Seminário de Filosofia está aí para isso. Converse com os seus colegas, puxe o papo ou pelo Facebook ou pelo Fórum do próprio Seminário, marque encontro, converse com as pessoas. Eu acho importantíssimo fomentar amizade, porque a amizade é o sustentáculo básico da vida. O sujeito sem nenhum amigo está perdido, o homem sozinho está perdido. Platão que dizia: “Um homem totalmente sozinho ou é um anjo ou é um monstro”. Quer dizer, o ser humano existe para o diálogo. Eu vivi uma situação de solidão intelectual muito grave, e mesmo assim não foi uma solidão absoluta. Eu sugiro que você saia disso, procure fazer amizades. E eu procuro fazer todo o possível para criar um ambiente onde essas amizades floresçam, e elas têm florescido. Claro que pode ter os neuróticos, e eles se juntam contra mim, mas não tem importância, isso são ossos do ofício.

Aluno: Recentemente um grupo terrorista, chamado de ISIL pela mídia, declarou o Califado Islâmico Universal e vem dominando importantes cidades, refinarias de petróleo, campos de gás, na região da Síria e do Iraque. O que é um califado? E qual é autoridade real desse grupo?

Olavo: Califa significa o representante de Deus no mundo, então é o homem que encarna a autoridade divina. A idéia do califado é permanente no Islam desde que existe. O líder islâmico é chamado *khalifatullah*, quer dizer, o representante de Deus no mundo. É mais do que um Papa porque ele é um governante espiritual e temporal ao mesmo tempo de algum modo. O projeto do Califado Universal surge no primeiro dia que surge Islam, quer dizer, surge o Islam e já começa a invadir tudo quanto é terra em volta. Isso para estender o domínio do Califado até a máxima extensão possível. E só parou porque acabou o gás. Quando veio a Batalha de Lepanto, acabou a expansão islâmica por vários séculos. Mas agora está voltando por outros meios. Não são necessariamente os meios militares, mas os meios de infiltração, imigração usada como arma de ocupação, o emprego engenhoso das próprias leis não islâmicas para favorecer a expansão islâmica. Veja, por exemplo, que o mulçumano que vem para o Ocidente tem o direito de montar uma mesquita, mas ninguém pode montar uma igreja católica, uma

igreja protestante, em Meca, no Irã e em vários outros lugares. Você pode ser condenado à morte por isso. É a prática da guerra assimétrica. Mas o projeto do Califado ainda é o mesmo.

Na verdade, não existe atualmente um Califado porque a função do Califa é, em primeiro, ser o chefe do próprio mundo islâmico, e essa autoridade central do mundo islâmico caiu quando caiu o Califado turco. Os turcos tinham dominado o mundo islâmico durante muitos séculos, na hora que cai aquela dinastia turca com a revolução de Kemal Atatürk, por assim dizer, o Islam fica sem cabeça. Há várias cabeças: doutrinariamente, do ponto de vista religioso, pode haver várias cabeças, isso não é problema; o Islam admite uma grande variedade de escolas de pensamentos que são conflitantes, mas que são consideradas todas ortodoxas. Mas, do ponto de vista do comando unificado, se não tem o califado, não tem nada. Ao mesmo tempo em que estão lutando para ocupar o Ocidente, estão lutando para restaurar o Califado, isto é, o comando central estratégico do mundo islâmico, e é esta a autoridade dele. O mundo islâmico inteiro os financiam, todos os governos islâmicos financiam. Além deles, há também o financiamento dos governos ocidentais, da ONU, da Igreja Católica; todas as entidades no mundo estão dando dinheiro para essa gente — não acaba mais —, bilionários ocidentais interessados em derrubar os EUA e assim por diante.

Aluno: Por favor, avise ao pessoal que postei no Fórum do Seminário uma tradução de Malign Masters (Mestres Malignos) de Harry Redner, para quem não conseguiu uma cópia original do livro.

Olavo: Mas vocês não podem divulgar essa tradução para fora do Seminário de Filosofia, porque estamos violando direitos de autores. Fazer uma tradução provisória para uso exclusivo em classe é possível. Poderíamos até pedir que a Vide Editorial lançasse esse livro importantíssimo. Vocês podem usar essa tradução, mas não podem divulgá-la para fora do Seminário, por favor, senão estamos sacaneando o autor e o editor. Obrigado pelo trabalho, de qualquer maneira, meritório.

Aluno: Tendo em vista que o homem moderno vive sob a influência de inúmeros fatores que contribuem para a sua distração, é correto concluir que o ser humano na Antigüidade usava muito melhor a sua percepção e intuição e, desta forma, refletia melhor?

Olavo: Eu acho que isso aqui hoje em dia já está mais do que demonstrado. Por exemplo, eu mencionei toda essa escola de Schuon e de Guénon. Quando você vê livros como os de Martin Lings, *Ancient Beliefs and Modern Superstitions*, ou este *Ancient Wisdom and Modern Misconceptions* de Wolfgang Smith, você vê que conhecimentos espirituais fundamentais foram absolutamente perdidos. Você lê aquela maravilhosa antologia de Whitall Perry, *A Treasury of Traditional Wisdom*, onde ele pega textos de todas as tradições religiosas, e você tem ali prodígios de compreensão espiritual não só do mundo cristão, mas de outras tradições também. E você vê que de repente tudo isso se perde e as pessoas passam a viver num mundo chapado. Eu acho até incorreto dizer materialismo — aliás, essa é uma das teses de Wolfgang Smith —, porque a ciência atual confunde o mundo físico com o mundo corpóreo. As partículas subatômicas são físicas, mas não são corpóreas, elas são uma coisa pré-material, elas são aquilo que Sto. Tomás de Aquino chamava *materia signata quantitate*, quer dizer, é uma pré-matéria que tem como única qualidade a sua quantidade, ainda não é nenhuma coisa definida. Esse, aliás, é o trabalho brilhante de Wolfgang Smith de tentar dar uma inteligibilidade à física quântica usando os conceitos de Sto. Tomás de Aquino e Aristóteles, que são os únicos capazes disso. A física quântica é experimentalmente a coisa mais comprovada que existe, mas em si mesma ela é ininteligível: certas coisas acontecem, e essas são ininteligíveis e não há explicação possível. Dentro do conceito moderno, você não

consegue achar uma explicação para isso. Mas daí Wolfgang Smith falou: “Mas Sto. Tomás de Aquino já tinha explicado isso aí, Aristóteles já tinha explicado isso aí”. Você vê que em outras civilizações, ainda com um nível de conhecimento científico menor, as pessoas tinham uma centralidade e uma profundidade incomparável com o que tem hoje. Por exemplo, (não sei quem foi que disse) hoje em dia, a santidade tem como condição preliminar a ausência de uma educação universitária, porque, você entrou numa universidade, você vai ser massacrado por esta visão que se diz materialista, mas que na verdade é apenas matematicista, cartesiana, [1:20] que acredita que o mundo material é composto de entidades matemáticas, é uma espécie de pitagorismo exagerado. E isto torna todo o mundo espiritual, a dimensão vertical, absolutamente incompreensível.

No fim da aula, eu falei sobre René Guénon e Schuon e disse que eles tinham o mérito de ter, pela primeira vez, aberto a possibilidade de uma comparação eqüitativa entre a civilização moderna e as outras. Você veja que, durante o século XIX, todos os pensadores religiosos recuaram de tal maneira ante o avanço das ciências que ou quiseram adaptar as suas religiões às novas teorias científicas ou aceitaram um dualismo de fé e razão que até hoje infecta o mundo ou, pior, psicologizaram todos os textos sacros como se eles fossem simbólicos no sentido de designar não fenômenos do mundo objeto, mas coisa que se passam na mente humana (Jung, por exemplo, faz isso, muitos outros fizeram isso, Rudolf K. Bultmann faz o que ele chama “desmitologização”). E isso é um erro monstruoso porque é baseado na incompreensão das cosmologias antigas. Cosmologias antigas não eram símbolos da alma humana, elas estavam falando do cosmos mesmo e do ser humano dentro desse cosmos. E muito dessa cosmologia é intelectualmente superior a tudo o que a humanidade atual está produzindo. Quer dizer, uma coisa são conquistas do campo experimental, outras coisas são avanços da *inteligibilidade* do que você está descobrindo.

Descobrir fatos e mais fatos e mais fatos, que às vezes não são fatos, são apenas medidas comparativas, não constitui em si um conhecimento — isso é muito importante. Muito do que chamamos “ciência” não constitui conhecimento ainda. Isso porque eles não têm em si os princípios da sua inteligibilidade. É como conhecer um mistério, uma coisa que você não sabe explicar. Então isso ainda é um projeto de conhecimento, quer dizer, o conhecimento se perfará quando você tiver a compreensão intelectual da coisa. E justamente o esforço de Wolfgang Smith é para dar essa inteligibilidade. Quantos físicos quânticos, o próprio Feynman, que foi prêmio Nobel, disse: “A física quântica é verdadeira, mas incompreensível”. Wolfgang Smith disse: “Incompreensível para você, eu estou entendendo perfeitamente bem, porque estudei Aristóteles e Sto. Tomás de Aquino”.

Note quando eu digo que devemos isso a escola de Guénon e Schuon, e Wolfgang Smith deve muito a eles; isso não quer dizer que tudo ali seja confiável. Não é, porque esses são portavoices de organizações que têm objetivos históricos e estratégicos de imensa amplitude e que visam em última análise a islamização do mundo: ou islamização direta pela ocupação, pela infiltração etc. ou islamização indireta pelo controle sutil e discreto da Igreja Católica. Esta é a perspectiva que Guénon via: “Vamos restaurar a Igreja Católica, mas de tal maneira que ela seja orientada por mestres islâmicos à distância, de maneira sutil”. É um projeto com o qual não concordo de maneira alguma, eu gostaria imensamente que fracassasse. Veja, no Brasil, é assim: ou você toma partido de tudo o que o sujeito falou ou então você não é capaz de ver o mérito óbvio. Schuon e Guénon são gênios assombrosos, e o que eles nos deram pode ser usado perfeitamente fora do projeto deles. Você pode dizer “não, não quero esse projeto, eu quero a Igreja Católica propriamente dita”, não há problema nenhum com isso. Eu aplico a eles um ditado islâmico: “Não pergunte quem eu sou, mas recebas o que lhe dou”. Eu aproveito tudo o que aprendi com eles, o que não quer dizer que eu tenha de seguir o projeto.

Aluno: Seria possível aprender a técnica de Szondi de análise da personalidade para efeito de uma auto-análise?

Olavo: É possível. Mas, para isso, eu precisaria dar um curso inteiro. Tudo o que eu disse, expliquei e escrevi sobre Szondi até hoje é um nada, é apenas uma informação perfunctória, por assim dizer, superficial. Estou apenas indicando e dizendo àqueles que têm um interesse maior pelo Szondi devem se aprofundar nisso aí, com o problema de que a maior parte das obras dele não estão traduzidas, só têm em alemão. E ler alemão é um sofrimento horrível. Eu só faço isso quando não tem outro jeito. Eu leio uma página por hora, e tem gente que nem isso. Mas se você ou sabe alemão ou se dispõe a aprender para ler Szondi em sua profundidade; em geral o que traduziram de Szondi é ou o livro sobre o Teste de Szondi (há várias traduções inglesas, espanholas etc.) ou livros muito teóricos gerais. Agora, por exemplo, toda a técnica da psicoterapia szondiana você só encontra nos livros em alemão. A obra que Szondi chamou *Análise do Destino*, uma obra em vários volumes, o pessoal foi separando pedaço aqui e ali e publicando, mas você não tem uma tradução completa. Por exemplo, sobre toda a técnica da psicoterapia szondiana nunca encontrei tradução nenhuma, simplesmente não tem. Eu tenho porque eu mesmo rachei minha cabeça lendo num livro alemão ou que aprendi com dr. Müller. Mas levaria meses para ensinar isso aí. Eu não nego que alguns elementos da psicoterapia szondiana usei em escala de psicologia social. Coisas que eu aprendi com Szondi, uma técnica de psicochoque: dar uma notícia terrível para um sujeito que imediatamente modifica todo o quadro, todos os engramas, como ele dizia. Eu faço isso não em nível de psicoterapia, que não sou psicoterapeuta, mas às vezes nas minhas intervenções no mundo da cultura usei muitas vezes isso, e acho que até funcionou.

Aluno: Queria acrescentar uma coisinha sobre William Craig. Eu acredito que ele tem consciência da limitação da lógica. (...)

Olavo: Mas é claro que tem. Mas o campo dele é esse, e ele é o técnico da argumentação. Ele estudou toda a ciência da argumentação desde que ela existe, ele sabe *tudo* a este respeito. E se o negócio é desmoralizar o adversário, ele sabe fazer isso melhor do que ninguém. Contra ele só tem uma coisa que as pessoas conseguem fazer: xingá-lo, como aliás já fizeram muitas vezes. Outro dia eu vi um sujeito falar coisas horríveis sobre Craig porque ele não conseguia argumentar. Ele é o príncipe da argumentação.

Aluno: (...) Sempre que o apertam, ele responde: “Não acredito que posso oferecer uma prova, mas acredito que posso dar razões razoáveis num sentido suficientes para uma pessoa razoável, pessoas de mente aberta.”

Olavo: Mas é isto o que digo. Mas isto aqui se aplica praticamente a toda a ciência. A ciência raramente passa do razoável ou do probabilístico. Toda a física quântica, que é a ciência mais avançada e mais perfeita que já existiu no mundo físico-matemático, toda ela é probabilística, não vai passar disso. É claro que Craig está consciente disso. Acontece que, dentro do campo da filosofia, ele se especializou numa coisa que é a arte da argumentação e da prova, e é isso o que ele está fazendo, e faz maravilhosamente bem. Mas, além disso, existem outras dimensões da filosofia. Por exemplo, a busca de uma verdade que você não pode provar, a busca de uma evidência intuitiva: eu acho que isto é o fundamental. Isso era o que Sócrates fazia: levar as pessoas para que elas tivessem a sua própria evidência intuitiva ou iluminação, como queiram chamar. Quando eu era jovem, eu fiz esse voto, eu disse: “Deus, eu quero conhecer a verdade mesmo que eu não consigo contá-la para ninguém, mesmo que todo mundo diga que estou absolutamente doido, eu quero saber”. Depois até deu para explicar para muita gente, não

para todo mundo. Eu fiz esse voto, e acho que vocês devem fazer também. A verdade é mais importante do que a prova, a verdade existe para quem a conhece na hora que a conhece, e ela se impõe por evidência intuitiva direta. Porém, a prova procura dar uma validade social a isso. A prova tem a sua limitação porque ela por si não pode produzir a intuição, ela só pode produzir razões que justifiquem a busca da intuição. Mas quando você encontrar a intuição, você vai ver que não vai poder provar nada. Você vai saber com certeza? Eu acho que o problema central do conhecimento humano é o problema da testemunha solitária. Toda testemunha é solitária, não há transferência de intuição. Existe o ensino que é, por assim dizer, [1:30] um estímulo à busca da intuição, mas é só isso que você pode fazer. Se o sujeito não quiser ver, ele não vai ver.

Aluno: Quando o senhor diz que não se pode saber se a evolução ocorreu, está afirmando então que se pode extrair conclusões através dos fósseis ou apenas a explicação darwinista não pode ser confirmada? Mas a análises dos fósseis tomadas isoladamente não permitiria concluir que muito provavelmente (...)

Olavo: Muito provavelmente. Ora, você mesmo já deu a resposta. Muito provavelmente houve uma modificação progressiva das formas e que a evolução ao menos nesse sentido mais mezinho de fato ocorreu, mas você mesmo disse: muito provavelmente. Ou seja, tem uma probabilidade. Você está querendo dizer o quê? Essa hipótese é razoável. Acontece que, em geral, as pessoas que estudam essa coisa não buscam evidências em sentido contrário. Eu recomendo muito o livro do Dr. Vij Soderá, que é um cara do *Royal College of Surgeons*, quer dizer, é o supra-sumo da ciência médica na Inglaterra, que chama *One Small Speck to Man* (De Uma Pequena Manchinha ao Homem), onde as provas antievolucionistas são absolutamente esmagadoras, tão esmagadoras quanto essa em favor da evolução. Eu não posso dizer quem tem razão e acho que isso aqui é como aquele negócio de Moreira da Silva: “Até hoje ninguém sabe quem morreu. Eu garanto que foi ele, ele garante que foi eu”. O próprio volume de provas a favor ou contra já uma coisa absolutamente inabarcável. Por exemplo, o famoso livro de Gaylord Simpson sobre a evolução, eu me convenci, ele está certo; depois li Soderá e falei, ele também está certo. Eu tenho condição de averiguar pessoalmente? Nem que eu passe o resto da minha vida.

Aluno: (...) E não se poderia alegar em favor da hipótese darwinista que até o momento não existe outra melhor? (...)

Olavo: O que quer dizer melhor?

Aluno: (...) Não sendo o design inteligente uma hipótese concorrente?

Olavo: Não. O design inteligente não é uma hipótese concorrente, ele é a própria hipótese evolucionista. Está lá em Darwin. Isto quer dizer que a idéia de uma evolução que ocorreu totalmente por acaso é posterior ao Darwin, já uma dissidência dentro do evolucionismo. E você disser que vai aceitar essa teoria porque não tem outra melhor, eu digo: você imagina se isto fosse usado em jurisprudência, por exemplo? Eu vou condenar esse cara à morte porque não tem outra hipótese melhor. É uma irresponsabilidade total. Agora, o que é condenar *um* homem à morte comparado a induzir toda a humanidade em erro só porque você não tem uma hipótese melhor? Isso é uma infantilidade total. Quer dizer, não tem uma hipótese melhor, então eu vou impor a minha incerteza como se fosse uma certeza. O que você tem de colocar é: o estado atual do debate é este. E mais ainda: por exemplo, esse livro do Dr. Vij Soderá, eu não vi nenhum evolucionista examinar pedaço por pedaço, como não vi ninguém examinar outras obras importantes sobre isso. Quando eu era adolescente, era um entusiasta

da evolução e permaneci com essa idéia na cabeça durante décadas. Muito mais tarde fui ler o argumento contrário, e falei: isto é tão convincente quanto. Agora, se você disser que a primeira alternativa nos deixa com uma hipótese na mão, a segunda nos deixa sem nenhuma hipótese, ora, entre uma hipótese e nenhuma hipótese, às vezes a segunda é melhor.

Transcrição: Alysson Souza, Gabriel Ribeiro Tenorio e Jussara Reis de Abreu

Revisão: Éricson Rojahn